

Sumário

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS.....	11
PREFÁCIO À 1ª EDIÇÃO	19
<i>Sônia Kramer</i>	
PREFÁCIO À NOVA EDIÇÃO.....	23
<i>Madalena Freire</i>	
APRESENTAÇÃO.....	27
INTRODUÇÃO.....	33

PARTE I ONTEM

CAPÍTULO 1 ♦ O cenário e os atores	55
1. Por que pré-escolas e creches comunitárias?	55
2. O Projeto Escolas Comunitárias	64
3. A comunidade e sua escola.....	74
4. As crianças da Erédia.....	78
5. As educadoras da Erédia.....	82
6. Eu e minha vontade de mudar o mundo	88

CAPÍTULO 2 ♦ Confrontos e encontros: a história das relações entre nós	91
1. Da realidade ao sonho, do sonho à realidade.....	92
2. Como assessorar um trabalho que eu mesma não sei realizar?	94
3. “Doutorada, ditadora, fiscal...”	102
4. Afinal, quem é que manda aqui?.....	111
5. “Antes eu fazia porque me mandavam...”	114
6. De fiscal a companheira de trabalho.....	119
CAPÍTULO 3 ♦ Construindo uma pedagogia da vida.....	121
1. Pra começo de conversa, gostar de criança não é tudo	122
2. Por onde recomendar?.....	130
3. Movimento é vida.....	134
4. Chegamos do lado de fora e a escola ficou melhor por dentro.....	137
5. Se o mundo é colorido, por que aprender as cores em toquinhos de madeira?	140
6. Recurso pedagógico não é pedagogia. É recurso.....	149
7. “Eu gosto dessa escola porque ela faz eu esperto e inteligente”	151
CAPÍTULO 4 ♦ A escola aprende com a vida, a vida aprende com a escola	154
1. Escola: em vez de direito, favor	159
2. A escola encontra a comunidade	163
3. A comunidade se aproxima da escola.....	165
4. Em busca de autonomia política e econômica.....	166
5. Participar significa “ser parte de”	169

CAPÍTULO 5 ♦ É a escola quem carece de saber popular	172
1. Buscando caminhos para a pré-escola popular	172
2. Educadora de educadoras: sujeito entre sujeitos	179
3. Três lições que a escola pública precisa aprender com a pré-escola comunitária (com a colaboração de Neide Nogueira)	182

PARTE II HOJE

CAPÍTULO 6 ♦ Creches Comunitárias: a luta continua	197
1. Se o Brasil é um país de todos, nós também temos direito! (Com a colaboração de Maria Luzinete Martins Pereira Moreira e Zoia Prestes)	204
2. “Público” não é sinônimo de “estatal”	211
CAPÍTULO 7 ♦ O desafio de produzir um cotidiano que alegre e potencialize a existência.....	222
1. Brincar com a natureza	225
▶ Proteger as crianças e os territórios.....	231
2. Alegregar e potencializar a existência.....	235
▶ Nas creches de Santo André/SP, o aprendizado de cuidar de si, de nós, da Terra	236
▶ Educação e ecologias na Recreação Infantil do Sesc RJ: livre circulação, livre escolha.....	239
3. Inventar uma pedagogia que brinque.....	246
▶ Ensaçando metodologias teórico-brincantes.....	252
▶ Manifestações populares e Educação Infantil: um bom encontro (em parceria com André Grabois e Igor Siqueira).....	254

Para outras conversas.....	261
1. Acertando os passos, em busca.....	261
2. Desconstruindo as velhas rotinas e inventando outras.....	265
Referências.....	271

Prefácio à 1ª Edição

Antes de falar do livro, quero falar de duas satisfações: a de participar da banca de mestrado da Lea (essa tese que felizmente vira livro, permitindo o acesso do público a uma alternativa viva e rica de trabalho com crianças das classes populares) e a alegria de ser convidada para escrever este prefácio.

Mas, antes de introduzir o livro, é preciso falar da Lea amiga — dessas que, embora a gente só encontre ou converse de vez em quando, é como se tivesse encontrado ontem e batido longos papos sobre filhos, vida de mulher, educação, política, essas coisas. Lea sempre em busca de caminhos, inquieta, com uma crítica firme, porém doce, cheia de esperanças, mesmo naqueles idos de 1973, quando a gente se conheceu e era tão difícil ter esperança... Porque o livro da Lea, que agora não é mais só dela, mas de todos que o lerem e se apoderarem de suas ideias, tem o jeito e a marca de seu rosto, está também carregado das suas preocupações, das suas perguntas, da sua vontade de mudança. Ao fazer um trabalho **na** e **sobre** pré-escola comunitária, as contribuições que traz vão além da pré-escola e além da escola comunitária.

Em primeiro lugar, por sua tentativa de escapar ou de fugir da dura e rígida forma dos textos acadêmicos: já na dissertação, o relato denso e cheio de emoção da prática vivida vinha primeiro, seguido de uma explicitação das referências nas notas de rodapé, como se estivesse prestando contas à academia, sempre tão vaidosa de suas

“teorias”. Confesso que na minha leitura inicial tive medo de que o trabalho resultasse díspar, separasse “teoria” e “prática”, mas foi uma preocupação inútil essa minha, pois Lea transita tranquilamente pelas duas partes, permitindo-nos, ainda, desfrutar de suas descobertas nos dois momentos e avançar no nosso conhecimento e na nossa reflexão crítica.

Em segundo lugar, pelos relevantes aspectos do trabalho propriamente dito que, como eu ia dizendo, se colocam para além da pré-escola e das questões da escola comunitária.

E por quê?

Porque enfiando as mãos e o corpo na pré-escola comunitária, sem demagogia ou sem ilusões, mas também sem menosprezar seus ganhos importantes, as janelas e as portas são abertas para fora do espaço escolar. E isso constitui, a meu ver, uma das necessidades e desafios da escola pública, que precisa se deixar arejar pelo mundo que a circunda, pela vida que está ao seu redor e dentro dela, mas que fica alijada do “trabalho pedagógico”. As crianças e os adultos são pobres, sim, são oprimidos, mas são crianças e adultos, cidadãos, sem preconceito!

Porque criticando a ação de “técnicos” ou “especialistas”, questionando as estratégias correntes de intervenção educacional e de introdução de mudanças, o trabalho contribui para um repensar das próprias práticas e dificuldades enfrentadas pela escola pública. Como costume dizer, é do confronto e da fertilização recíproca entre as experiências de educação da criança de zero a seis anos desenvolvidas pela escola oficial e pela escola comunitária (nas suas mais diferentes formas) que poderá ser gerada e gestada uma pré-escola pública que seja popular — e se não for popular, de que serve a escola pública? A nossa luta em defesa do direito à educação das crianças de zero a seis anos, a nossa luta para que o Estado assuma o seu dever de oferecer essa educação com qualidade para todos, não nos pode levar a desprezar as experiências alternativas já desenvolvidas e aquilo que elas nos ensinam ou propiciam conhecer.

Porque entendendo a práxis como cotidianamente construída, Lea concebe o saber popular não apenas como ponto de partida das atividades realizadas, não apenas como algo que deva ser ambigualmente “valorizado” por aqueles que atuam com as classes populares, mas, sobretudo, como a referência constante, essencial, intestina de todo o trabalho. Freinet está presente em muitos momentos, embora não seja explicitamente mencionado. E Freinet — eu me arriscaria a dizer —, pouco afeito à retórica ou ao discurso academicista, teria gostado...

Vale falar, ainda, do marco teórico piagetiano. Não seria passível de crítica tomar como referência a obra de Piaget, nesse exato momento em que ela é revista à luz de abordagens marxistas, tais como as de Vygotsky, Leontiev e Luria, que questionam a própria psicogenética? Por outro lado, pelo próprio fato de o trabalho ter no saber popular uma de suas mais fortes referências, ele não negaria o marco teórico piagetiano? Talvez sim. Penso, porém, que também esses aspectos acabam se constituindo numa riqueza, na medida em que nos permitem fazer a crítica a determinadas concepções pedagógicas baseadas em Piaget e aprofundar a crítica aos próprios paradigmas da teoria psicogenética, sem desprezar as suas contribuições. Afinal, esse é hoje um espaço em aberto, espaço para a indagação, investigação teórica e para a revisão de caminhos, em nível de políticas públicas que se proponham a reinventar.

Enfim, a vida — tal como a escola ou a pré-escola — precisa ser permanentemente criada e recriada. Este livro mostra um dos possíveis caminhos, trilhado de forma penosa, exigindo estudo e reflexão, enfrentando e abrindo conflitos, mas feito com paixão. Escrito com paixão. E que nos permite, portanto, uma leitura extremamente prazerosa.

Sônia Kramer

Prefácio à nova edição

Este é um livro de aventura. Aventura pedagógica de uma educadora que optou por deixar-se ser guiada por uma paixão de ensinar e aprender. Paixão educada, em que o desejo de “integrar-se e entregar-se” à realidade de seus educandos foi sua Estrela-Guia.

Ensinar é aventurar-se num mergulho, num saltar sem rede de proteção. É partir da certeza de que será necessário arriscar-se no escuro, no vazio pela busca do sentido, dos significados da realidade onde seus educandos habitam. Pois só aprendemos aquilo a que damos sentido e significado. O que não nos afeta nos é indiferente... E na indiferença ninguém aprende.

Lea teve a coragem de fazer esse mergulho, esse despir-se de suas certezas e começar a ouvir e ver a realidade, segundo o saber e a lógica dos professores e da comunidade do Parque Erédia de Sá.

Teve a coragem de deparar-se com o caos, na perdição da própria incompetência diante da nova realidade, para poder assim iniciar a busca pela construção de uma relação democrática, em que partindo dos saberes dos sujeitos envolvidos pudessem caminhar juntos no partejamento do novo. Nem assessora que fiscalizava e mandava, tampouco aquela que omissamente abandonava a condução do leme, no exercício de sua autoridade.

O mais difícil e delicado é exatamente questionar os saberes, ao mesmo tempo que informa os novos conhecimentos. É neste sentido que a prática do educador está sempre envolvida pelas resistências

entre o velho e o novo, inerente a todo processo de aprendizagem. Por isso mesmo, no ensinar da Lea é tão necessário praticar muita paciência e ao mesmo tempo apostar na competência das professoras para aprenderem e superarem o velho. Esse voto de fé no próprio ensinar e na competência dos educandos em aprenderem é vital, pois a matéria-prima, o ouro do ensinar, não está somente no conteúdo que se introduz ao educando, mas também no sujeito que elabora, aprende, apropria-se, recriando a partir do seu saber o conteúdo que lhe foi apresentado, ensinado. Nesse processo de questionamento permanente, nessa busca reflexiva incessante, no qual estamos sempre a nos indagar:

- O que pensam?
- Como pensam?
- No que acreditam?
- O que sabem?
- O que sonham?
- O que desejam?

Ninguém é dono da verdade, tampouco do saber. Tudo é hipótese, tudo é risco, tudo é aventura única porque tudo é busca apaixonada. Sintoma de vitalidade é a nossa capacidade de nos manter em sintonia com nossos desejos e, por isso mesmo, com nossa capacidade de optar por seguir, integrar-se e entregar-se à nossa capacidade de desejar e de nos apaixonar. Manter a chama acesa da vida, nos seus desafios de mudança de transformação, é o grande desafio de todo educador.

No relato de Lea, vamos enxergando aos poucos as transformações que vêm nascendo nos professores, nas crianças e nela própria, Lea... Testemunhando de fato que a aprendizagem é parida por esses sujeitos, autores, nos meses anteriores de perdição, caos, gestação. O grande desafio da Lea é manter o foco claro da meta à conquista no Projeto de Formação dos Professores, e aventurar-se no desconhecido, que é no início a construção do caminho para essa conquista. Nós, educadores, no nosso ensinar, temos que ter clareza da meta a

conquistar, mas o caminho, o percurso está aberto para o desconhecido, o imprevisível, pois é a aventura singular daquele grupo a ser criada, construída, vivida.

Arma de luta para o acompanhamento estudioso e rigoroso dessa aventura é a OBSERVAÇÃO atenta, presente na ESCUTA para a leitura dos gestos, dos detalhes, das palavras que vão assinalando, dando pistas (como na história de João e Maria...) do caminho a ser seguido, construído, inventado.

Pois sendo o ensinar um ato criador, estético e ético, como bem nos diz Paulo Freire, ele nos demanda sempre o risco de assumirmos nossa opção pela liberdade. Liberdade de experimentar como sujeito que vive e fabrica uma experiência única (como sua impressão digital), e não simplesmente um experimento.

Experimentar, como ensina Larrosa, exige lançar-se na dúvida, no “não sei”, na possibilidade de errar e, por isso mesmo, começar de novo, inovar, embrenhar-se por caminhos diferentes, deslocar-se no sabido, no conhecido, buscando o sonho, o desejo de uma relação democrática entre sujeitos pensantes construtores de conhecimentos no enfrentamento de desafios e dificuldades dessa aventura pedagógica.

Lea também pratica com seu grupo de professoras outra arma de luta, que é a reflexão sobre a prática. A reflexão cotidiana sobre o próprio ensinar sedimenta o estudar sobre a própria teoria, pois não existe prática sem teoria, em confronto com a teoria de outros, iguais ou teóricos dos livros... A reflexão nos faz acordar, tira do sono alienado e acomodado da reprodução, nos faz perder o sono, nos obriga a *re-colher*, ao mesmo tempo que *a-colher* o que praticamos. Por isso mesmo, toda reflexão nos obriga a assumirmos o *re-colhimento* avaliativo, nas profundezas de nossa intimidade, do nosso pensar, para podermos nos enxergar nas nossas incoerências, nos nossos erros, para assim parirmos o conhecimento sobre a realidade, sobre os outros e sobre nós mesmos.

Recolhimento e acolhimento são ações exercitadas na reflexão avaliativa no cotidiano de todo educador e que requer de nós muita humildade... Mediados por essa ferramenta, sedimentamos o exercício

disciplinado da concentração, da paciência, da perseverança, que são necessários para o ato de PENSAR, para a construção RIGOROSA, ESTUDIOSA (que Lea nos apresenta em seu relato), como sujeitos construtores de conhecimentos.

Como toda aventura vivida, esta é mais uma original e única.

Irreproduzível, mas altamente instigante como marco inspirador para todos nós educadores que desejamos, acreditamos, apaixonadamente, na formação de sujeitos autores de conhecimentos e da própria vida, história partejada com muitos outros.

Deixo aqui essas provocações para a leitura de todos, com o desejo de que vocês mergulhem nas aventuras pedagógicas contadas por Lea, neste livro.

Madalena Freire

Apresentação

*Conhecer não é desmontar nem explicar.
É chegar até a visão. Mas, para ver, é
preciso, antes de mais nada, participar.
Isso é uma dura realidade.*

Antoine de Saint-Exupéry

É possível para nós, educadores, que não sofremos a miséria na carne e na alma, ter uma ideia concreta do que significa viver essa dura realidade? Lidamos, na maior parte das vezes, com números e teorias a respeito de números. Identificamos as causas, as consequências; analisamos as relações e as contradições; percebemos o todo e as partes. Conhecemos e entendemos. Mas não compreendemos por que não nos aproximamos sinceramente da realidade daqueles a quem pretendemos educar.

E ainda há o perigo de estarmos tão distantes, que não sirvam para nada os trabalhos que produzimos a respeito da desgraça alheia. Que fiquem empoeirados e empoeirados nas prateleiras das academias. Ou que se leiam e não se entendam nada, numa demonstração clara de que, olhos e corações no umbigo, produzimos para nós mesmos.

Se não somos, por sorte, essa imensa maioria de brasileiros que vive em situação de pobreza, mas temos a intenção de, ao modo de cada uma/um, contribuir para transformá-la, é preciso, antes de tudo,

uma aproximação física e afetiva. Para aprender-ensinar-aprender é preciso compreender.

Meu trabalho como assessora da pré-escola comunitária do Parque Erédia de Sá foi uma tentativa de aproximação vivencial, existencial e profissional desta realidade. Em vez de ensinar aos adultos e às crianças da escola o que aprendi como verdades, busquei uma relação na qual todos fôssemos educandos-educadores. Em que, nas nossas diferenças de classe, de cultura, de saber, estivessem a origem e a razão do ato educativo. Em que a pedagogia fosse o instrumento gerado a cada momento pela dinâmica de nossos encontros e desencontros; fosse o instrumento de construção de novas relações entre educadores e educandos, e entre estes e seu objeto de investigação e conhecimento: a VIDA.

A Parte I deste livro, hoje ampliado, é a história dessa produção coletiva. Sua metodologia delineou-se à medida que sujeito e objeto conheceram-se, relacionaram-se e fizeram do sujeito também objeto de outros sujeitos. Uma história registrada, desde o seu início, em um diário de trabalho, onde, além de fatos, foram sublinhadas incertezas, emoções, sensações, intuições... E também inúmeros depoimentos: alguns, anônimos, porque colhidos apressadamente, em meio ao movimento das educadoras, das crianças, dos moradores da comunidade; outros, de pessoas da Erédia e de outras localidades.

É uma história que fala dos caminhos que percorremos em busca de uma pedagogia para as crianças das classes populares e de um encontro real entre escola e comunidade; fala também da tentativa de construção de um trabalho de equipe, de uma relação olho no olho, horizontal, entre os que participaram da aventura.

Troca de saberes houve, mas não apenas. Também conflito, confronto, luta entre saberes. Houve, sobretudo, uma vontade política de exercício da democracia, que nos levou a refletir, estudar e decidir coletivamente; colocar em prática e optar pelo que a realidade aprovava.

Foi importante termos vivido tudo isso: aprendemos muito, foi gostoso, temos saudades... E, sinceramente, esperamos que nossa

experiência possa, ainda hoje, contribuir para o trabalho de inúmeras educadoras que, espalhadas por este imenso país, buscam, desde a pré-escola, a construção de uma pedagogia comprometida com a educação de pessoas criativas, críticas, autônomas, solidárias. Pessoas encontradas consigo mesmas, integradas à sociedade, amantes do planeta, conscientes de sua condição de espécie.

Mas hoje, tantos anos depois da experiência do Parque Erédia de Sá, para além da utopia de relações democráticas entre crianças e adultos, o que haverá a dizer sobre as práticas de formação que seguimos desenvolvendo, agora em um outro cenário socioambiental?

Outra vez o grande capital investe pesado em seus interesses: realiza apropriação indevida de territórios e de riquezas naturais, promove a financeirização da economia, desemprego, enxugamento da máquina de estado via privatização, congelamento de recursos, sobretudo em áreas sociais, educação, saúde, assistência!

Campeia a insensibilidade dos poderes públicos e da mídia, representantes de interesses poderosos, o Brasil hoje vive um desmonte da legislação que conquistamos a partir de 1988! Utilizando novos artifícios parlamentares, judiciários e midiáticos, outra vez as elites nacionais entregam, por migalhas, as riquezas e as energias sociais, a capacidade produtiva da população brasileira.

As reformas trabalhistas sobrecarregam ainda mais as trabalhadoras, atingindo as crianças, que, na sociedade patriarcal são cuidadas fundamentalmente pelas mulheres: mães, avós, professoras e cuidadoras. No Rio de Janeiro, a violência do tráfico, das milícias, das forças policiais-militares interventoras fazem vítimas entre meninos e meninas moradoras das favelas e periferias. Os espaços públicos das brincadeiras desaparecem! O atendimento nas redes públicas de educação infantil é precarizado e reduzido, as creches comunitárias fecham por falta de recursos públicos. As vítimas mais frágeis são sempre as crianças!

Hoje temos a consciência de uma crise de proporções nunca pensada, impõe-se fortemente o espírito capitalístico excludente,

individualista, competitivo, autoritário, antiecológico. A produção de bens duráveis e não duráveis cresce de forma desproporcional às necessidades humanas, levando à exaustão do planeta, devastando florestas, envenenando as águas, extinguindo espécies. A concentração da riqueza aumenta na proporção inversa das necessidades básicas e do ideal de felicidade anunciado pelo mercado. Hoje o desafio a enfrentar é um mundo marcado por desigualdades sociais que se materializam também como injustiças ambientais, provocadas por processos de acumulação capitalista que privam certos grupos sociais do acesso aos recursos naturais; geralmente pobres, negros, indígenas, comunidades e povos tradicionais, do campo ou da cidade, justamente aqueles com quem convivemos cotidianamente nas escolas públicas.

Podemos dizer que as crianças, hoje, ao nascer, encontram um quadro planetário socioambiental que é um lixo? Como é possível fazer uma educação que — em vez de atrapalhar, em vez de confundi-las com o próprio lixo que a civilização produz — possa alimentar sua humanidade, ajudando-as a romper com a fatalidade de uma realidade que é atroz, cruel, inumana?

O lixo civilizatório está relacionado à ambição, à apropriação privada dos recursos naturais do planeta, à dominação dos ricos sobre os pobres, dos homens sobre as mulheres, dos adultos sobre as crianças... Mas também está relacionado à dominação dos humanos sobre as demais espécies, fruto da ilusão antropocêntrica que nos coloca, ridiculamente, como donos do universo! O lixo pessoal, social e ambiental que a sociedade do capital produz corresponde a uma cultura que se sustenta em intolerância e opressão sobre um “outro”, desconhecido, bárbaro, selvagem, estrangeiro, pobre, preto! Essa intolerância se situa em nível das relações econômicas e políticas que marcam os espaços sociais mais amplos. Mas o lixo civilizatório se situa também — é gerado em e é reproduzido — no seio das famílias, na escola, nas interações humanas que envolvem o eu e o tu, o eu e o nós familiar, vizinho, comunitário... Então, a violência doméstica praticada contra as crianças no cotidiano de vida familiar poderia ser correlacionada à intolerância ao outro que gerou o horror dos

campos de concentração nazistas e stalinistas? Em que medida elas se relacionam com a violência do modo de produção capitalista? É a violência do sistema que gera a violência interpessoal e grupal? Ou, ao contrário, a violência subjetiva, a individual e a interpessoal estariam na origem da perversidade do capitalismo? O que apareceu primeiro, o ovo ou a galinha?

Seríamos, talvez, uma espécie irresponsável e inconsequente. Ou estaríamos vivendo a adolescência da humanidade? A intimidade com a ética exigiria um amadurecimento espiritual? Há, talvez, uma insuficiência crônica no campo dos afetos: uma imensa carência de amor que nos conduz ao egoísmo e à mesquinharia, que nos impede de compartilhar os bens materiais e imateriais que a vida, como dádiva, oferece a todos os seres vivos?

A responsabilidade da crise ética não pode ser atribuída à espécie como um todo, mas ao projeto civilizacional ocidental, que nos últimos três séculos estendeu tentáculos imperialistas sobre as demais civilizações e povos do planeta! A ética não está limitada aos domínios da razão, é desenhada historicamente com base em afetos materializados em interesses econômicos, políticos, de classe, de gênero que definem as interações dos seres humanos entre si, com a cultura e com a natureza. A realidade é que a ordem capitalística se constitui e é projetada na realidade do mundo e na realidade psíquica.

No nível macropolítico, a guerra mata na Síria e mata aqui também, porque a indústria bélica precisa seguir lucrando; no plano micropolítico, a TV ensina todos os dias às crianças a violência, porque, para vender armas, é preciso formar subjetividades que estejam dispostas a comprá-las e utilizá-las. O sistema necessita de subjetividades que sejam bélicas para poder reproduzir-se. Que pedagogias fazem frente a essa lógica assassina? Que pedagogias fazem frente à avalanche de valores, de ideologias consumistas, individualistas, competitivas que todos os dias a mídia projeta sobre as crianças, hoje acopladas em equipamentos eletrônicos?

Neste mar de questões e de interrogações, alcançamos a clareza de que os campos da micro e da macropolítica são, simultaneamente,

espaços de produção e de subversão da ordem instituída. É nesta perspectiva que seguimos hoje, como ontem: buscando caminhos para a pré-escola popular, interessadas na criação de metodologias nascidas como fruto de relações horizontais entre os que participam do processo de produção da escola; interessadas também em relações éticas com a natureza. Porque hoje elaborar e praticar propostas de educação infantil que sejam democráticas, populares, ecológicas e libertárias exige também compreender o quadro das condições de vida das espécies no planeta, com a intenção de dar visibilidade à insalubridade definida pelo sistema capitalístico hegemônico. E, ao mesmo tempo, identificar o que nele é possibilidade de ruptura, subversão. O propósito deste novo livro é refletir sobre os modos como vimos percorrendo esses caminhos, sempre interessadas na felicidade das crianças e na integridade da Terra.

A Autora